

inovação

Novos tempos

Hercules Macedo*

Retomo aqui nossa discussão, iniciada na *Linha Direta* de janeiro, sobre os desafios da sala de aula. É preciso discutir o que é um professor atualizado, em acordo com as novas exigências do mundo contemporâneo. E não cair na simplificação paupérrima de sua “reciclagem”, visando ensiná-lo a operar computadores, lousas eletrônicas, etc. O professor atual é aquele que compreende a educação como compreendia Paulo Freire: “Educador já não é aquele que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que, ao ser educado, também educa...”.

O professor que estamos afirmando ser atual não tem medo do desafio de aprender junto com seus alunos. Ele é ciente de seu mais importante papel: mediar a relação dos seus alunos com o mundo. Do ponto de vista prático, transformar a sala de aula em um espaço de oficina da aquisição do conhecimento, problematizando, duvidando daquilo que a pesquisa na internet trouxe, confrontando opiniões de autores diversos, comparando pontos de vista diferentes sobre o mesmo fato, incitando seus alunos a também produzirem algo sobre esses fatos e se expressando organizadamente, criando possibilidades de

criação, de julgamento e de produção de ideias.

É esse o professor que interessa ao mundo livre ou ao que precisa se libertar. O professor, que também é aprendiz e que não se ofusca diante do turbilhão de notícias que a internet nos traz, se alimenta dessa chuva de novidades para se relacionar com essa nova geração, que considera pequeno até o céu como limite. Os alunos vão se interessar por esse professor e por suas investidas na construção do conhecimento. Isso revela respeito e aproxima esses sujeitos na busca de objetivos comuns. Isso destrói

a ideia da distância artificial entre mestres e aprendizes. O que não quer dizer esquecer-se dos papéis particulares de cada um.

A discussão curricular precisa sair do entendimento restrito de um conjunto de conteúdos para uma visão mais ampla, além de conhecimentos sistematizados. Ela tem de contemplar, também, as metodologias, a organização do conhecimento científico, a utilização dos espaços e dos tempos escolares, as atividades a serem desenvolvidas, as estratégias para alcançar o interesse dos alunos e, certamente, identificar os sujeitos que quere-



.shock

mos formar e a forma como nós, educadores, devemos agir.

Cabe, urgentemente, fazer essa discussão de maneira corajosa e franca, sem subterfúgios, sem tergiversações. E sem reduzi-la ao domínio operacional das novas máquinas. Temos de enobrecer a profissão e nos despir da farda tradicional que por tanto tempo nos rotulou donos do saber, controladores da informação e detentores do conhecimento.

Que adolescência é esta? Que juventude é esta?

Quando soubermos responder, com segurança, a essa pergunta, poderemos tecer planos pedagógicos bem mais eficazes e mais eficientes para nossas turmas de alunos. Claro, por uma razão simples da gestão do ensino: combinar, concatenar o ensino e a aprendizagem endereçada a um público específico é uma tarefa implícita ao magistério. Parece óbvio?

Alunos inquietos, professores com pouco ou nenhum recurso para o controle dessa inquietude. Alunos dispersivos, professores sem condições de chamar a atenção para si e para o quadro-negro. Alunos ávidos de respostas e de boas conversas, professores com medo do debate, da demonstração de fragilidade. Adolescentes e jovens cheios de vida, procurando caminhos, e os mestres repletos de inseguranças e buscando o porto seguro. O clima não podia ser mais contraditório e mais conturbado na sala de aula.

Os alunos mudaram, os alunos mudam, independentemente de nossa vontade, mas a escola teima em ser a mesma, não acompanha esse movimento inevitável das sociedades.

As paredes, as cadeiras em filas, os horários rígidos, os conteúdos programáticos ajustados a tempos preestabelecidos, as avaliações repetitivas e pouco formadoras, o treino no lugar do pensar, a resposta fechada ao invés da polêmica. Esse é o descompasso entre a instituição escolar e aqueles que a procuram. É um problema de ordem estrutural, de conceito, de entendimento do que significa educar.

A rua, a praça, os bares, os parques, a igreja, as associações diversas, o trabalho, o grupo de jovens, as tribos, tudo isso se movimenta, absorve a vida real em velocidades muito mais intensas que a escola. Os jovens e adolescentes educam-se nesses espaços e encontram um forte contraste, muitas vezes, completa desconexão mesmo entre a educação da vida e a educação escolar.

Para esses jovens, principalmente aqueles que assumem papéis de liderança nesses diversos espaços, a escola é o pior espaço por onde poderiam passar e representa um freio em seus processos de formação e desenvolvimento. Daí fica impossível estar presente de corpo, alma e coração na sala de aula. A vida é muito mais brilhante e muito mais interessante que o espaço escolar. Não é a internet que é uma ameaça para a escola. É ela própria, por sua dureza, sua arrogância e sua histórica incompetência.

Que escola é preciso fundar?

Pensar sobre isso me parece urgente e indispensável. Pensemos em um lugar onde possamos trocar as paredes lisas e sem graça da sala de aula por um espaço que mais se pareça uma galeria de artes, com expressão cultural de pessoas da

cidade, do bairro, da própria escola, inclusive dos próprios alunos; imaginemos um lugar onde aprender é administrar o compromisso com as obrigações e o direito à manifestação das ideias, algo parecido com a própria cidade.

Pensemos, também, um espaço onde o que se discutir, o que se ensinar e aprender também considerasse os interesses desses grupos; que tal permitir a existência de uma sala de aula onde alunos e professores interajam numa perspectiva mais horizontal, num ambiente de colaboração e aprendizagem simultâneas? Mestres e aprendizes trocando conhecimentos, sem medos, dispostos a descobrir, a desvendar, a perguntar e a pesquisar o desconhecido, sem constrangimentos.

Não há espontaneísmo nessa escola. Há espontaneidade. Há intenção pedagógica, não a disciplina autoritária que afasta nosso público. Haverá de ter mais alegria e mais vontade de frequentar esse lugar do que a tristeza e peso que caracterizam a escola atual.

Professores e alunos. São esses os principais sujeitos da escola. É neles que é preciso investir e acreditar. Fazê-los conversar e acertar o passo da caminhada. Fazer com que compreendam seus papéis e tirá-los de suas trincheiras, que os afastam, que lhes impõem falsos lugares, que os prejudicam em seus processos de desenvolvimento humano. ■

*Diretor pedagógico do Projecta-Melhor Escola, professor de História, pós-graduado em Gestão de Projetos Educacionais

www.projecta.edu.br